

## **POBREZA E MUDANÇAS CLIMÁTICAS: o que ocorre na América Central?<sup>1</sup>**

### *POVERTY AND CLIMATE CHANGE: What is going on in Central America?*

Andrés Mora Ramírez

O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, pela sua sigla em Inglês) apresentou ao final de 2014, em Copenhague, uma síntese dos resultados do Quinto Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas. O comunicado oficial<sup>2</sup> do IPCC inicia com uma advertência que deveria chamar à reflexão e à ação os governos, os movimentos sociais e os povos do mundo, especialmente dos países mais pobres: “A influência humana no sistema climático é clara e vem aumentando, e seus impactos se observam em todos continentes. Se não for colocado um freio, as mudanças climáticas farão com que se aumente a probabilidade de impactos graves, generalizados e irreversíveis nas pessoas e nos ecossistemas”<sup>3</sup>.

De acordo com especialistas, os riscos associados a esse fenômeno global “são particularmente problemáticos para países menos avançados e comunidades vulneráveis”<sup>4</sup>, que dispõem de menos recursos econômicos e infraestrutura para buscar soluções, e que, paradoxalmente, são os grupos humanos que menos contribuem com as emissões de gases de efeito estufa, em comparação com os países de economias industrializadas.

“As pessoas marginalizadas nos âmbitos social, econômico, cultural, político, institucional, entre outros, são especialmente vulneráveis

---

<sup>1</sup> Tradução de Lucas S. Matter.

<sup>2</sup> A integralidade do comunicado está disponível em: <[http://www.ipcc.ch/pdf/ar5/prpc\\_syr/11022014\\_syr\\_copenhagen\\_es.pdf](http://www.ipcc.ch/pdf/ar5/prpc_syr/11022014_syr_copenhagen_es.pdf)>. Acesso em: 15 mar. 2015.

<sup>3</sup> Tradução nossa.

<sup>4</sup> Tradução nossa.

às mudanças climáticas”<sup>5</sup>, conclui o IPCC. Um chamado de alerta para uma região como a América Central, na qual quase 48% de sua população vivem em condição de pobreza.

Precisamente, um recente relatório do Escritório da ONU para a Redução de Riscos de Desastres<sup>6</sup> qualifica a América Central como “uma zona de multiameaças”, pelo impacto combinado de fenômenos ambientais e fatores vinculados aos padrões historicamente dominantes do (mau) desenvolvimento e da cultura ambiental (as relações entre a natureza e sociedade) na região. O documento identifica, por exemplo, a elevada frequência de eventos de origem meteorológica, “a pobreza, infraestruturas insuficientes ou projetadas sem levar em consideração o impacto de ameaças naturais, de uma ocupação e do uso do território que transgredem normas básicas de ordenamento urbano e de uma pressão excessiva para o uso intensivo dos recursos naturais”<sup>7</sup> como os principais “fatores subjacentes de risco” das mudanças climáticas. De acordo com o documento, 95% da população de El Salvador estão “expostos ao risco” por desastres naturais; na Guatemala 92% da sua população, na Costa Rica 85%, na Nicarágua 69% e em Honduras 56%.

Esse diagnóstico coincide com o que, utilizando outra perspectiva de análise, apresentou a CEPAL em 2012, em seu relatório *La economía del cambio climático en Centroamérica*<sup>8</sup>. Neste estudo, foram estabelecidos cenários prospectivos críticos a partir de quatro variáveis: aumento da população e maior demanda de água para consumo humano, produção agropecuária e segurança alimentar, biodiversidade, e pobreza e saúde.

Segundo a CEPAL, na hipótese de se continuarem as tendências atuais das mudanças climáticas no mundo, e as tendências socioeconômicas e ambientais na América Central, nos próximos anos enfrentaríamos um aumento na demanda de recurso hídrico de até 300%, em 2050, o que no cenário mais pessimista equivaleria a um índice do uso de água de mais de 370% (em nível internacional, considera-se que 20% é uma situação de estresse hídrico), e seriam criadas condições

<sup>5</sup> Tradução nossa.

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://www.info-gir.org/documentos/rar/#/1/zoomed>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

<sup>7</sup> Tradução nossa.

<sup>8</sup> Disponível em: <[http://www.cepal.org/mexico/cambioclimatico/documentos/sintesis\\_2012baja.pdf](http://www.cepal.org/mexico/cambioclimatico/documentos/sintesis_2012baja.pdf)>. Acesso em: 15 mar. 2015.

“similares ao que acontece atualmente no Egito e em alguns países da península árabe”<sup>9</sup>.

No setor agropecuário e agroindustrial, que representa 18% do PIB centro-americano, as mudanças climáticas poderiam provocar um decréscimo dramático da produção de milho, feijão e arroz, o que afetaria “a segurança alimentar dos produtores rurais – ao reduzir a produção de alimentos – e o acesso direto a estes, além de aumentar os preços e/ou a escassez desses alimentos para os consumidores, a depender das possibilidades de importações compensatórias”<sup>10</sup>.

A diversidade biológica centro-americana, que atualmente representa 7% da biodiversidade mundial, também sofreria consequências: produto das mudanças climáticas, o Índice de Biodiversidade Potencial, ao final do século XXI, diminuiria entre 33% e 58% nas situações ou cenários mais extremos, e os países mais afetados seriam – nesta ordem – Guatemala, Nicarágua, El Salvador e Honduras.

Finalmente, o relatório da CEPAL assinala que a explosiva combinação de fatores como a pobreza – que afeta cerca de 41 milhões de centro-americanos – e as deficientes condições de serviços de saúde e saneamento básico para a população, “fazem vulnerável a população às mudanças climáticas, uma vez que algumas doenças estão associadas à pobreza, como a malária e a dengue”<sup>11</sup>, assim como aos efeitos diretos e indiretos ocasionados por inundações, destruição de plantações e realocação de comunidades em condições precárias.

Há vários anos, os governos vêm articulando políticas e ações concretas de alcance regional, através do Sistema de Integração Centro-americana (SICA). Se, por um lado, são esforços louváveis e necessários, o certo é que praticamente todos os relatórios reconhecem que nossos países não estão fazendo o suficiente para enfrentar as mudanças climáticas: em parte, por razões políticas, e, em parte, por razões estruturais. Como bem disse o estudo da CEPAL, “o padrão geral de desenvolvimento e os problemas na gestão de risco criaram um círculo vicioso de empobrecimento humano e degradação ambiental, que se complicará ainda mais com o avanço das mudanças climáticas”<sup>12</sup>. Eis o fundo complexo e problemático do assunto.

---

<sup>9</sup> Tradução nossa.

<sup>10</sup> Tradução nossa.

<sup>11</sup> Tradução nossa.

<sup>12</sup> Tradução nossa.

*Andrés Mora Ramírez*

Como colocamos em outro momento, o que é necessário para quebrar esse círculo vicioso, o do *mau-desenvolvimento*, é uma mudança radical na cultura ambiental e econômica, em nosso modo de conceber o “desenvolvimento” e em nossa relação com o meio ambiente, regida durante séculos pela pretensão do domínio humano sobre a natureza, por sua exploração irracional com ânsia de lucro, pela subordinação das decisões ao cálculo do lucro, e pela sistemática deslegitimação de propostas e alternativas ao modelo dominante por considerar que se opõem ao progresso.

Infelizmente, o tempo nos está ganhando a partida.

## **POBREZA Y CAMBIO CLIMÁTICO: ¿qué pasa en Centroamérica?**

### *POVERTY AND CLIMATE CHANGE: What is going on in Central America?*

Andrés Mora Ramírez

El Grupo Intergubernamental de Expertos sobre el Cambio Climático (IPCC, por sus siglas en inglés) presentó al final de 2014, en Copenhague, una síntesis de los principales hallazgos del Quinto Informe de Evaluación del Cambio Climático. El comunicado oficial del IPCC<sup>1</sup> inicia con una advertencia que debería llamar a la reflexión y la acción a los gobiernos, movimientos sociales y los pueblos del mundo, especialmente de los países más pobres: “La influencia humana en el sistema climático es clara y va en aumento, y sus impactos se observan en todos los continentes. Si no se le pone freno, el cambio climático hará que aumente la probabilidad de impactos graves, generalizados e irreversibles en las personas y los ecosistemas”.

De acuerdo con los expertos, los riesgos asociados a este fenómeno global “son particularmente problemáticos para los países menos adelantados y las comunidades vulnerables”, que disponen de menos recursos económicos y de infraestructura para buscar soluciones, y paradójicamente, son los grupos humanos que menos contribuyen a las emisiones de gases de efecto invernadero, en comparación con los países de economías industrializadas. “Las personas marginadas en los ámbitos social, económico, cultural, político, institucional u otro son especialmente vulnerables al cambio climático”, concluye el IPCC. Un llamado de alerta para una región como Centroamérica, en la que casi el 48% de su población vive en condición de pobreza.

---

<sup>1</sup> La integralidad del comunicado está disponible en: < [http://www.ipcc.ch/pdf/ar5/prpc\\_syr/11022014\\_syr\\_copenhagen\\_es.pdf](http://www.ipcc.ch/pdf/ar5/prpc_syr/11022014_syr_copenhagen_es.pdf)>. Acceso en: 15 mar. 2015.

Precisamente, un reciente informe de la Oficina de la ONU para la Reducción del Riesgo de Desastres<sup>2</sup> califica a Centroamérica como “una zona de multiamenazas” por el impacto combinado de los fenómenos ambientales y de factores vinculados a los patrones históricamente dominantes del (mal) desarrollo y a la cultura ambiental (las relaciones entre naturaleza y sociedad) de la región. Así, por ejemplo, el documento identifica la elevada frecuencia de eventos de origen meteorológico, “la pobreza, infraestructuras insuficientes o diseñadas sin considerar el impacto de las amenazas naturales, de una ocupación y uso del territorio que transgrede normas básicas de ordenamiento urbano y de una presión excesiva para el uso intensivo de los recursos naturales” como los principales “factores subyacentes del riesgo” del cambio climático. De acuerdo con el documento, el 95% de la población de El Salvador está “expuesta al riesgo” por desastres naturales, en Guatemala un 92% de su población, en Costa Rica el 85%, en Nicaragua el 69 % y en Honduras el 56 %.

Este diagnóstico coincide con el que, desde otra perspectiva de análisis, presentó la CEPAL en el año 2012, en su informe *La economía del cambio climático en Centroamérica*<sup>3</sup>. En dicho estudio, se establecieron escenarios prospectivos críticos a partir de cuatro variables: aumento de la población y mayor demanda de agua para consumo humano, producción agropecuaria y seguridad alimentaria, biodiversidad, y pobreza y salud.

Según CEPAL, de continuar las tendencias actuales del cambio climático en el mundo, y las tendencias socioeconómicas y ambientales en Centroamérica, en los próximos años nos enfrentaríamos a un aumento de la demanda del recurso hídrico de hasta el 300% en el año 2050, lo que, en el escenario más pesimista, equivaldría un índice de uso del agua de más de 370% (a nivel internacional, se considera que un 20% ya supone una situación de estrés hídrico), y crearía condiciones “similares a lo que sucede en la actualidad en Egipto y algunos países de la península arábiga”.

En el sector agropecuario y agroindustrial, que representan el 18% del PIB centroamericano, el cambio climático podría provocar un decrecimiento dramático de la producción de maíz, frijol y arroz, lo que afectaría “la seguridad alimentaria de los productores rurales al redu-

---

<sup>2</sup> Disponible en: <<http://www.info-gir.org/documentos/rar/#/1/zoomed>>. Acceso em: 15 mar. 2015.

<sup>3</sup> Disponible en: <[http://www.cepal.org/mexico/cambioclimatico/documentos/sintesis\\_2012baja.pdf](http://www.cepal.org/mexico/cambioclimatico/documentos/sintesis_2012baja.pdf)>. Acceso em: 15 mar. 2015.

cir la producción de alimentos y el acceso directo a ellos, además de aumentar los precios y/o la escasez para los consumidores, según las posibilidades de importaciones compensatorias”.

La diversidad biológica centroamericana, que actualmente representa el 7% de la biodiversidad mundial, también sufriría las consecuencias: producto del cambio climático, el Índice de Biodiversidad Potencial, a finales del siglo XXI, disminuiría entre un 33% y 58% en las situaciones o escenarios más extremos, y los países más afectados serían – en su orden – Guatemala, Nicaragua, El Salvador y Honduras.

Finalmente, el informe de CEPAL señala que la explosiva combinación de factores como la pobreza – que afecta a cerca de 41 millones de centroamericanos- y las deficientes condiciones de servicios de salud y saneamiento básico para la población, “hacen vulnerable a la población al cambio climático ya que algunas enfermedades asociadas a la pobreza, como malaria y dengue”, así como a los efectos directos e indirectos ocasionados por inundaciones, destrucción de cultivos y reubicación de comunidades en condiciones no aptas.

Desde hace varios años, los gobiernos vienen articulando políticas y acciones concretas de alcance regional, a través del Sistema de Integración Centroamericana. Si bien son esfuerzos loables y necesarios, lo cierto es que prácticamente todos los informes reconocen que nuestros países no están haciendo lo suficiente para enfrentar el cambio climático: en parte, por razones políticas, y en parte, por razones estructurales. Como bien lo dice el estudio de la CEPAL, “el patrón general de desarrollo y las debilidades de gestión del riesgo han creado un círculo vicioso de empobrecimiento humano y degradación ambiental, lo que se complicará aún más con el avance del cambio climático”. He ahí el fondo complejo y problemático del asunto.

Como hemos planteado en otro momento, lo que se requiere para romper ese círculo vicioso, el del *maldesarrollo*, es un cambio radical en la cultura ambiental y económica, en nuestro modo de concebir el “desarrollo” y nuestra relación con el medio ambiente, regida durante siglos por la pretensión del dominio humano sobre la naturaleza, su explotación irracional con afán de lucro, la subordinación de las decisiones al cálculo de utilidades, y la sistemática deslegitimación de las propuestas o alternativas al modelo dominante por considerar que se oponen al progreso.

Por desgracia, el tiempo nos está ganando la partida.